

FIGURAS EX-CÊNTRICAS E UMA HETEROTOPIA DE DESVIO: UMA LEITURA DE “PÃO DE AÇÚCAR”, DE AFONSO REIS CABRAL

EXCENTRIC FIGURES AND A HETEROTOPIA OF DEVIATION: A READING OF “PÃO DE AÇÚCAR”, BY AFONSO REIS CABRAL

Renan Augusto Barili¹

Resumo: O presente artigo objetiva discutir o deslocamento de personagens marginais para o centro da trama do romance *Pão de açúcar* (2018), de Afonso Reis Cabral. Contudo, mesmo com esse movimento, percebe-se a inserção dessas personagens “ex-cêntricas” dentro de espaços que podem ser lidos como “heterotopias de desvio”, locais que enclausuram e retiram de circulação os seres que se afastam das normas e das convenções sociais que são impostas como obrigatórias.

Palavras-chave: *Pão de açúcar*; personagens ex-cêntricas; heterotopia de desvio.

Abstract: This paper aims to discuss the displacement of marginal characters to the center of Afonso Reis Cabral's novel *Pão de açúcar* (2018). However, even with this movement, it's possible to realize the insertion of these “ex-centric” characters into spaces that can be read as “deviation heterotopies”, places that enclose and remove from circulation the beings who deviate from norms and social conventions that are imposed as binding.

Keywords: *Pão de açúcar*; ex-centrics characters; heterotopia of deviation.

Considerações iniciais

Afonso Reis Cabral², novíssima personalidade da cena artístico-literária de Portugal, dispõe de dois importantes romances: *O meu irmão* (2014), vencedor do Prémio LeYa, e *Pão de açúcar*, publicado em 2018, sendo esse segundo o foco deste trabalho. Partindo do pressuposto de que as duas obras possuem nítidas consonâncias com uma poética do “Pós-Modernismo” (FERNANDES, 2010; HUTCHEON, 1991; VALENTIM, 2016), pode-se perceber a ênfase dada a algumas figuras que são depreciadas e tidas como inferiores.

O romance em discussão, *Pão de açúcar*, “ocupa-se da desocultação, em clave exclusiva-

¹ Mestrando em Estudos Literários do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (FCLAr/UNESP), com pesquisa intitulada “Uma enciclopédia da libertação: *Astronomia* ou a narrativa das sexualidades periféricas”.

² Nascido em Lisboa no dia 31 de março de 1990, Afonso Reis Cabral, escritor e editor, tornou-se o centro de discussões e da atenção da Crítica Literária, após o mesmo ter sido galardoado com o Prémio LeYa, em 2014. Outro fato, que também merece ser levantado, é de o escritor português ser trineto de Eça de Queiroz, um dos nomes mais importantes da literatura ocidental.



mente ficcional,” (RODRIGUES, 2014, p. 112) dos últimos dias de vida de Gisberta Salce Júnior, uma transexual brasileira que foi brutalmente violentada e assassinada em um edifício abandonado na cidade do Porto. O caso, que chocou e teve repercussão mundial, ocorreu em 2006 e despertou discussões e movimentos em combate à homofobia, tornando-se um marco em Portugal e na luta pelos direitos das pessoas LGBTQI+.

Em 2016, ao se completarem 10 anos do assassinato de Gis, o acontecimento voltou aos holofotes e despertou em Afonso o desejo de transformar em romance essa terrível história, permitindo, assim, uma maior visibilidade e novos debates sobre o assunto dentro da esfera literária, já que as personagens travestis e transexuais quase sempre estiveram à margem e não recebiam papéis de destaque e de grande relevância.

A partir dessa análise, proponho dar ênfase às personagens periféricas, discutindo o movimento de migração das margens ao centro, demonstrando como essas figuras podem ser caracterizadas como “ex-cêntricas”, termo retirado dos estudos de Linda Hutcheon em sua *Poética do pós-modernismo* (1988). Além disso, será importante destacar a questão do espaço - o edifício abandonado da rede de supermercados “Pão de Açúcar” -, esse que enclausura essas personagens que desviam das convenções sociais. Por isso, pensar essa construção como uma “heterotopia de desvio”, conforme postulou Michel Foucault em seu ensaio *O corpo utópico, as heterotopias* (2013), possibilita discutir sobre os “espaços outros”, que confinam os sujeitos desviantes.

Deslocamentos: da margem ao centro heterotópico

Devo pontuar que não somente Gisberta (transexual, refugiada brasileira, toxicodependente, soropositivo e sem-teto) é definida como uma personagem marginalizada dentro do romance *Pão de Açúcar*, mas muitas outras compõem esse grupo, como os meninos da Oficina de São José – instituição católica de acolhimento de crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade -: Néelson, Samuel, Leandro, Grilo, Fábio e Rafael. Todos esses garotos possuem trajetórias parecidas, como o abandono parental, a vivência na criminalidade e o constante sentimento de exclusão social. Nas palavras de Rafael, o protagonista da trama: “não termos história significava sermos todos iguais” (CABRAL, 2018, p. 34).

Dessa forma, o romance permite ser lido como um projeto de desocultação de determinadas figuras, pois presenteia os marginalizados com uma poderosa arma de reivindicação, visibilidade e ascendência: a voz. Com esse viés de leitura, a classe dominada assume o protagonismo, impondo as suas existências como significativas e relevantes. Além disso, é importante salientar que essas figuras

não só bradam e exaltam as suas realidades, como não são mais meras entidades secundárias que necessitam de um outro para narrar as suas vivências.

Tal discussão pode ser utilizada como ferramenta analítica de o *Pão de açúcar*, uma vez que Rafael, um dos assassinos de Gisberta, é uma figura de alto nível de marginalização, tendo sido afastada do seio familiar e entregue à Oficina de São José quando ainda era criança. Segundo ele,

Antes de adormecer, em vez de contar carneirinhos, eu fazia uma síntese que era como rezar sem consequências para a eternidade.

Primeiro revia os pormenores do dia em sessão fotográfica, sob ângulos e luzes diferentes, para lembrar melhor. Depois alinhava os protagonistas da minha vida, a minha mãe, o Norberto, estes menos desde que me entregaram à Oficina.

[...] Quando ela me visitava na Oficina, acabava a chorar por que depois da morte do meu pai ninguém a amparava, nem o Norberto - e já lhe tinham tirado três ou quatro, como era possível? Como é que se governava? Quer dizer, três ou quatro filhos roubados a uma mãe necessitada. Para ela, a maternidade era uma fonte de água imprópria para consumo, só jorrava porcária. (CABRAL, p. 23-24)

Com o vozeamento desse protagonista, Afonso proporcionou “que todos estivessem humanizados, que todos tivessem uma vida própria, sem que isto queira dizer desculpar ou relativizar” (CABRAL, 2018) o crime, ou seja, o escritor teve o trabalho minucioso de contar um pouco da história de cada uma das personagens e os motivos das mesmas estarem inseridas e adaptadas à criminalidade, talvez como uma tentativa de autoafirmação dentro dessa sociedade, contrastando, ainda que sem intenções, a principal discussão deste trabalho: o deslocamento de figuras periféricas da margem para o centro.

Para iniciar a discussão sobre esse “domínio periférico do cânone” (RODRIGUES, p. 108), acredito ser importante explorar o conceito de margem e quais as entidades que nela habitam. Pois bem, partindo dos estudos da teórica canadense Linda Hutcheon, pode-se pensar a margem como as periferias que circundam o centro, espaços que acolhem todos aqueles que se afastam da figura “tipo”, ou seja, “os ex-cêntricos, os marginalizados, as figuras periféricas da história ficcional” (HUTCHEON, 1991, p. 151).

Os ex-cêntricos são os seres que fogem e transgridem a ideologia dominante e que, por isso, são relegados a um patamar inferior de exclusão e de total marginalização. Recusar e desacatar as convenções sociais são atitudes de figuras que não aceitam determinadas normas que são impostas, como é o caso da homossexualidade, por exemplo, sexualidade tida como o único modelo correto

existente, ou seja, a heteronormatividade seria “um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam” (MISKOLCI, 2013, p. 44-45). Dessa forma, as figuras ex-cêntricas são todas aquelas que recusam padrões e moldes e, por isso, são afastadas dos lugares centrais e destinadas a espaços periféricos e marginais.

No caso específico de o *Pão de açúcar*, reflito sobre a possível descentralização de figuras que foram retiradas das margens a partir de um movimento chamado “off-centro” (HUTCHEON, 1991), permitindo que todas as personagens centrais sejam caracterizadas como “ex-cêntricas”, já que foram movidas e recusam essa “visão sistemática do espaço literário sustentada pela demarcação judicativa entre o centro e a margem” (RODRIGUES, p. 107), isto é, a partir desse transe, ocorre uma não distinção do binarismo centro-margem, não ficando visível a separação entre essas duas estâncias. Dessa forma, os marginais são deslocados e tomam o protagonismo do texto, saindo do anonimato e assumindo “uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monolito homogêneo (isto é, masculina, classe média alta, heterossexual, branca e ocidental)” (HUTCHEON, p. 29).

Com essa proposta de leitura, penso, também, os espaços que essas figuras ocupam dentro do romance. Estão elas transitando os mesmos locais públicos das pessoas “tipo” – o homem branco, heterossexual e burguês – ou continuam habitando áreas de exclusão e de vigilância? Com isso, o texto *O corpo utópico, as heterotopias* (2013), de Michel Foucault, coincide perfeitamente com essa discussão, pois o que se encontra dentro de o *Pão de açúcar* são territórios completamente heterotópicos.

As heterotopias, ou “espaços absolutamente outros” (FOUCAULT, 2013, p. 21), são utopias situadas e localizáveis, não mais presentes nos imaginários e nos sonhos, são “lugares reais fora de todos os lugares” (FOUCAULT, p. 20). As heterotopias permitem ser classificadas como “contraespaços” de práticas hegemônicas organizados pelas sociedades, como, por exemplo, as prisões, os manicômios, as casas de repouso, as escolas, as bases militares, etc., isto é, locais em que existem relações de supremacia. Entretanto, devo salientar que as heterotopias dividem-se e assumem formas variadas dentro das civilizações, sendo apenas duas importantes para a discussão: a de crise e a de desvio. Segundo Foucault, as heterotopias de crise eram recorrentes nas civilizações primitivas, sendo elas:

Lugares privilegiados ou sagrados ou proibidos – como nós mesmos, aliás; mas estes lugares privilegiados ou sagrados são, em geral, reservados aos indivíduos “em crise biológica”. Há casas especiais para os adolescentes no momento da puberdade; há casas especiais reservadas às mulheres na época das regras; outras para as mulheres em trabalho de parto. Em nossa sociedade, as heterotopias para os indivíduos em crise biológica pouco a pouco desaparecem (FOUCAULT, p. 21).

As heterotopias de crise, ou biológicas, foram desaparecendo das sociedades ao decorrer dos séculos e substituídas pelas heterotopias de desvio, isto significa que os “lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que a rodeiam, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, p. 22). Dentro dessa nova tipologia, encontram-se os homossexuais, os transexuais e os toxicodependentes, indivíduos que divergem da normatividade que nos é imposta.

Utilizando a heterotopia de desvio como fundamentação teórica para a análise proposta, pode-se pensar os indivíduos do romance *Pão de açúcar* e os espaços ocupados por eles, já que essas personagens transgridem as convenções sociais e são, conseqüentemente, direcionadas às esferas que excluem sujeitos do convívio direto e ativo nas sociedades. Gisberta, por exemplo, deforma todos os padrões e protocolos vigentes, além de ser uma mulher transexual, é refugiada, vive da prostituição, é toxicodependente, soropositivo e sem-teto, logo, o local destinado a ela é um prédio abandonado na periferia do Porto. Além de Gis, não posso deixar de mencionar os meninos da Oficina de São José, pois é “preciso acrescentar-lhes, sem dúvida, (que) as casas de recolhimento” (FOUCAULT, p. 22) também fazem parte das heterotopias de desvio, em razão de serem instituições que acolhem os abandonados.

À vista disso, o edifício desocupado da rede de hipermercados “Pão de Açúcar” constitui-se como uma heterotopia urbana de desvio, abrigando indivíduos ex-cêntricos e os mantendo, ao mesmo tempo, excluídos do convívio direto na sociedade, como, também, incluídos na mesma, a fim de vigiá-los, visto que é preferível manter a ordem e controlar a liberdade dos seres desviantes ao deixá-los transitar livremente entre os “cidadãos de bem”, isso segundo essa lógica hegemônica.

Se a ênfase dada aos ex-cêntricos é uma característica comum na perspectiva Pós-Modernista, afirmo que “outra forma apresentada por esse mesmo movimento *off*-centro encontra-se na contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico” (HUTCHEON, p. 89), dado que também pode ser encontrado no texto de Afonso Reis Cabral, já que os locais escolhidos são as zonas sujas da cidade, os locais proibidos, as periferias do Porto, os prostíbulos, a instituição de acolhimento dos meninos, além do edifício desabitado do hipermercado “Pão de Açúcar”, cenário central da trama, que conota esse domínio periférico. Segundo o narrador, a história dessa construção demonstra bem a forma como esse espaço outro sempre serviu como abrigo de figuras marginais:

Passei o Campo 24 de Agosto e entrei no café do costume, na realidade uma espelunca estreita onde me sentia em casa.

[...] Dali via-se bem o Pão de Açúcar.

Em 1989, o quarteirão enfaixado entre a Avenida de Fernão de Magalhães, a Rua Abraços e a Rua Póvoa abrigava umas quantas pessoas escondidas em prédios do século XIX.

[...] Nesse Inverno, os buldózers executaram a ordem de despejo. Os que lá tinham ficado foram acordados pelos operadores que berravam <<Fujam, a máquina é cega!>>. Deram com as paredes destruídas, as camas esmagadas, as molduras das fotografias partidas, conformaram-se e seguiram pelas ruas, uns de roupão, outros de casaco vestido à pressa. Em três dias ninguém se lembrava deles.

[...] No Piccolo dizia-se o que sempre se diz: a obra estava condenada. Eles sabiam, eles tinham conhecimentos. Era evidente que a Fernão de Magalhães não merecia o hipermercado pensando para aquele espaço. Veja os prédios em volta. Tudo feio, menos os azulejos antigos e o Vila Galé, a torre mais alta da cidade.

[...] Em 1992, as obras pararam por imbróglia jurídica, excesso burocrático, corrupção ou falta de dinheiro, enfim, um dos cenários a que estamos habituados.

Os promotores esperavam retomar a construção mas os anos passaram. O esqueleto não dava hipermercado. A Fernão de Magalhães não tinha coisas bonitas para mostrar.

As ratazanas foram as primeiras. Ainda as obras decorriam e já elas se aninhavam nos cantos. As pombas seguiram-se-lhes e depois as lagartixas, as osgas e as cobras. Um casal de piscos-de-peito-ruivo subiu ao torreão e aí ficou. E aí chocou.

[...] O prédio ganhou nova vida, tornou-se centro de passagem e de dormida, e a polícia passou a vigiá-lo. Numa ou duas rusgas ouviram-se disparos, mas as paredes levaram com os tiros e nada aconteceu.

À noite, os ocupantes dormiam em barracas improvisadas com caixotes, toros, cartões, plásticos e colchões. Melhor dito, dormiam em lares com toques de luz a conquistar o cimento. A ruína sobrevivia à frustração e sublimava-se: era só gente a dormir.

[...] Em 2006, havia muito que ninguém prestava atenção à ruína que fora um quarteirão do século XIX e que teria sido um hipermercado do Pão de Açúcar. (CABRAL, p. 27-30)

Ora, se o “lema do pós-moderno deva ser: “Vivam as Margens!” (HUTCHEON, p. 103), sugiro uma leitura em que o romance *Pão de açúcar* venerou todas as esferas periféricas, desde as figuras ex-cêntricas até os espaços mais *undergrounds*, demonstrando que, mesmo com o movimento de deslocação discutido, todos aqueles que fogem da normatividade continuam sob a vigília e a exclusão da sociedade, sendo obrigados a viver em espaços reservados aos desviantes, como as heterotopias que são expostas no texto.

Retornando à discussão inicial sobre a temática do romance, qual “ocupa-se da desocultação, em chave exclusivamente ficcional,” (RODRIGUES, p. 112) do assassinato de Gisberta, caso verídico que foi transformado em ficção, o romance pode ser lido como um retorno ao passado em uma tentativa de trazer ao presente as suas ruínas, abrindo os relatos para que esse acontecimento se constitua como um exemplo a não ser seguido e, assim, o passado não volte a se repetir, mas que seja sempre lembrado, assim como afirmou Walter Benjamin em seu ensaio *Sobre o conceito da História* “nada



do que uma vez aconteceu pode ser dado como perdido para a história” (BENJAMIN, 2012, p. 10).

Em um momento em que as “sexualidades periféricas” (FOUCAULT, 2014) e as identidades desviantes voltaram a ser perseguidas por ideologias ultraconservadoras, devemos “apoderarmo-nos de uma recordação quando ela surge como um clarão num momento de perigo” (BENJAMIN, p. 11), ou seja, olhar os escombros do passado como um alerta ao tempo presente e, assim, utilizar os reflexos decorridos em prol da melhoria e de uma renovação do conceito de cidadania onde a empatia, a igualdade e o respeito ao próximo sejam predominantes.

Concluo, então, honrando Gisberta Salce Júnior, nome que deve ser lembrado e homenageado quando a luta do movimento LGBTQI+ estiver em pauta. Foi necessário ocorrer o seu assassinato para que a questão trans ganhasse visibilidade e mais direitos fossem conquistados. Por isso, a sua morte não pode ser tida como em vão, é preciso sempre se lembrar do ocorrido para aprender a conviver com as outras formas de existências que fogem da normatividade, como as muitas Gis que ainda precisam passar pelo processo de resistência e sair da zona de silenciamento e de marginalização.

Considerações finais

Se, como nos ensina Italo Calvino, a confiança no “futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar” (CALVINO, 1990, p. 11), acredito que o romance *Pão de açúcar* pode nos mostrar os dias finais da vida de Gisberta, recontando de forma verossímil as ocorrências que ocasionaram (ainda que sem motivos e justificativas) o assassinato da “diva transexual que acabou no fundo do poço” (RODRIGUES, 2016). Além disso, a literatura proporcionou vozear essas figuras marginalizadas, permitindo que elas mesmas contem e detalhem as suas trajetórias, as suas dores e os seus desejos.

Em suma, acredito que Afonso Reis Cabral inseriu elementos que permitem ser discutidos pela ótica da resistência e da visibilidade, já que as personagens lidas como ex-cêntricas e os espaços heterotópicos habitados por elas constituem-se como os pontos principais nesta análise, visto que o que está em ênfase neste trabalho é a proposta de retirada de figuras da margem e a inserção das mesmas no centro, ocasionando, assim, o olhar de dentro dos fatos.



Referências bibliográficas

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História”. In: *O anjo da história*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CABRAL, Afonso Reis. *Pão de açúcar*. Lisboa: Dom Quixote, 2018.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. *Perspectivas pós-modernas na literatura contemporânea*. Revista Olho D’Água, vol. 02, n.02, p.42-55, 2010.

FOUCAULT, Michel. “Outros espaços”. In: *Ditos & Escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2014.

_____. *O corpo utópico, as heterotopias*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013;

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MIKOLSCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RODRIGUES, Isabel Cristina. *Entre-Dois: tradição e inovação na narrativa portuguesa contemporânea*. Guavira Letras. Três Lagoas: UFMS, no. 19, p. 106 – 123, 2014.

VALENTIM, Jorge Vicente. *Corpo no corpo: homoerotismo na narrativa portuguesa contemporânea*. São Carlos: EdUFSCAR, 2016.

Matéria de Jornal

RODRIGUES, Catarina Marques. “Gisberta, 10 anos depois: a diva transexual que acabou no fundo do poço”. **Observador**, Lisboa, 21 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/gisberta-10-anos-diva-homofobia-atirou-fundo-do-poco/>. Acesso em: 08 de ago. 2019.

SILVA, Sofia Matos; MATIAS, Pedro. “Afonso Reis Cabral: Pão de açúcar é uma conquista como escritor”. **Jornalismo Porto Net**, Porto, 11 de outubro de 2018. Disponível em: <https://jpn.up.pt/2018/10/11/afonso-reis-cabral-pao-de-a-cucar-e-uma-conquista-como-escriptor/>. Acesso em: 08 de ago. 2019.

